

ENCONTRO NO CARIBE

Paulo Cadaval

Estamos na década de sessenta e eu trabalhava na indústria automobilística. Era gerente de suprimentos, responsável pelo planejamento e abastecimento das linhas de produção da empresa. Um de nossos fornecedores mais importante fornecia pneus. Nos primeiros dias de cada mês, religiosamente, o gerente de vendas desta empresa marcava uma reunião comigo para que fosse analisada a *performance* das entregas do mês anterior, os problemas encontrados e os programas de produção para os meses seguintes. Esta reunião acontecia na parte da manhã e terminava lá pelo meio dia, seguido de um convite ao fornecedor para almoçarmos em um restaurante próximo, em São Bernardo Campo. Durante o almoço nada de falarmos de serviço. Ele, John, era inglês e falava de seu país, da cidade em que tinha nascido (Londres), de sua família e da satisfação de morar no Brasil há mais de cinco anos. Eu, por outro lado, falava sobre minha família, sobre futebol, aviação e de meu desejo de conhecer a Europa. Todo mês era a mesma coisa. Estes encontros fizeram nascer uma amizade entre nós. No fim de cada ano o John convidava todos os gerentes de suprimento das outras indústrias automobilísticas para um jantar com as esposas em São Paulo. Passaram-se os anos e este cerimonial se repetia rigorosamente.

Numa das reuniões mensais, o John me avisou de sua saída da indústria, pois ia se aposentar e voltar para a Inglaterra. Lá ele ficaria por um ano e em seguida iria com a esposa, Kate, passar o resto de sua vida em uma ilha, muito pequena, no Caribe. A ilha era uma possessão inglesa. Na única cidade (?) desta ilha moravam aproximadamente vinte e cinco famílias de ingleses idosos, que lá possuíam pequenas chácaras.

No fim do ano o John despediu-se de mim e partiu para a Inglaterra, com a promessa de escrever para mantermos tão boa amizade. Isto realmente aconteceu algumas vezes e depois o nosso contato acabou.

Passados alguns anos, iniciei uma atividade alternativa que consistia em fazer traslado de aviões pequenos dos EUA para o Brasil. Um amigo, o Alcy, comprava estes aviões, trazia-os para cá e os revendia com um lucro fantástico. Convidou-me para ser seu sócio e o *bobão* aqui preferiu ficar na indústria automobilística... Entretanto ofereci-me para fazer o traslado de alguns aviões, já que ele tinha dificuldade de encontrar pilotos que falassem inglês e tivessem bom conhecimento de aviação (eu tinha e falava bem inglês, mas o número de minhas horas de voo era diminuto, pois a aviação para mim era como um esporte). O Alcy aceitou a minha oferta, com a promessa (nunca cumprida) de instruir-me e possibilitar que eu fizesse o *solo* das aeronaves a serem trasladadas.

Um belo dia ele me procura e convida para ir com ele aos EUA trazer um Piper. Era um Cherokee Arrow 200, com trem de pouso retrátil, hélice de passo variável, asa baixa, VOR e NDB no instrumental, etc., etc., aeronave na qual eu não era *solo*. Iria como passageiro. Aceitei e trouxemos a *águia*, tirada da fábrica da Piper em Vero Beach, Florida. Aproveitei para conhecer a rota Miami/São Paulo, em detalhes, já que pilotá-lo nem pensar, pois o Alcy não permitia a quem voasse com ele colocar a mão nos controles: puro ciúme. O meu objetivo, nesta viagem era preparar-me para translados que faria em seguida, conforme convite do Alcy. De posse de todos os *macetes* cheguei a São Paulo *checado* (pronto) para um traslado *solo*.

Finalmente, alguns meses depois, veio o convite para participar como piloto do traslado de quatro aviões, todos da Piper de Vero Beach, Cherokee140 - PA28-180, no qual eu já era *solo*. Eram pequenos aviões de quatro lugares. Não cabia em mim de tanto orgulho pela façanha que ia realizar...

Sáímos de Vero Beach tendo Miami como destino. Aí seria regularizada a documentação do traslado para a viagem até São Paulo. O grupo era formado pelo Alcy (dono das aeronaves), eu e mais dois irmãos, fazendeiros do interior de São Paulo. Uma das aeronaves era para a fazenda destes dois.

Ficamos em Miami quatro dias, enquanto a documentação era liberada. Foi uma viagem maravilhosa, apesar de não me adaptar ao voo com um grupo tão heterogêneo. O Alcy, que deveria ser o líder, cuidava só dele: “venham atrás de mim”, ele dizia. Os dois irmãos fazendeiros eram uns bagunceiros, voavam bem, mas cada um por si.

Na chegada a São Paulo (Campo de Marte) eu avisei ao Alcy que continuaria com os translados durante minhas férias na indústria automobilística, mas – frisei - sozinho. Ele concordou e ficou de me avisar sobre a próxima viagem.

Meses depois chegou a notícia do Alcy: “tem uma aeronave para você buscar”. Desta vez era um Cherokee Arrow 200! Tinha chegado a oportunidade que eu esperava: faria um voo técnico, dentro de padrões de segurança severos e uma navegação, como se dizia na época, *no book* ou seja, absolutamente dentro das normas vigentes.

Acontece que o meu pedido ao Alcy, para *solar* um Arrow antes da viagem, não tinha sido atendido. Iria assim mesmo e ponto final.

O recebimento do Arrow em Vero Beach, na fábrica, consistia num voo acompanhado de um piloto de provas da empresa. Não mencionei ao piloto da fábrica que eu não era *solo* naquela aeronave. Fiz a decolagem, algumas manobras e parti para o pouso que era a parte mais problemática. Este não foi bom como eu desejava, de forma que decolei novamente e me preparei para um pouso “perfeito”. Não foi tão perfeito

assim, mas, *dava pro gasto*. Avisei ao piloto que estava tudo ok e poderia considerar a aeronave como recebida por mim.

Sem querer, comentei com ele que aquele era meu primeiro voo *solo*, mas que durante a viagem iria me adaptando à aeronave. Ele quase caiu de costas. O senhor, sem nenhuma experiência de voo com este tipo de aeronave, vai sozinho fazer uma viagem de cinco dias até ao Brasil? Falei que era brincadeira e encerrei o assunto com medo que ele avisasse o seu chefe e este me impedisse de fazer o voo.

Voei naquele mesmo dia para Miami (Opa Locka Airport), regularizei os documentos e daí a três dias estava partindo para o grande voo! Saí muito cedo para aproveitar bem o dia e enfrentei mau tempo na parte da tarde. Lá pelas 17 horas, faltando ainda uma hora para chegar ao ponto planejado para pernoite, vi que corria risco de passar aperto com o início da noite e muito mau tempo.

Estava, neste momento, na vertical de uma ilhota que, entretanto, tinha uma pista de pouso excelente. Modifiquei meus planos e pousei ali. Lá de cima tinha visto apenas uma pequena vila, mas deveria ter um hotel onde eu pudesse passar a noite. No solo fui recebido por um afrodescendente muito alto e magro: era o responsável pelo aeroporto. Tinha ali um hangar diminuto e sua residência.

Expus a ele a minha situação e pedi ajuda para colocar o Arrow no hangar e conseguir condução para a cidade, onde desejava passar a noite. Para meu espanto ele disse que na cidade não tinha hotel, mas eu poderia ficar num quarto, junto à sua casa, destinado a pilotos que por ali pousassem. Problema resolvido. Lá pelas 19 horas ele me chamou para tomar um lanche na sua casa, um convite muito bem recebido, pois eu estava faminto.

Ele me explicou que na ilha moravam várias famílias de idosos em pequenas chácaras.

Em seguida ao lauto lanche, dormi e acordei às 6 horas da manhã, com a intenção de partir logo para recuperar o atraso em relação ao plano. O *afro* me informou, para meu desespero, que tinha verificado as condições meteorológicas da região e a sugestão era que eu não decolasse antes das 12 horas, para não arranjar problema com um péssimo tempo à minha frente. Falei pelo rádio com uma base americana próxima dali e confirmei as informações. Portanto, era relaxar e aguardar as 12 horas.

Sem nada para fazer, resolvi fazer uma caminhada pela praia ao lado da pista. No fim da praia tinha uma pequena elevação e decidi ir até lá. Ao me aproximar da elevação vi um pescador *molhando a isca* calmamente. Tinha um chapéu com as cores inglesas. Aí me deu um estalo: o *afro* tinha me dito que a ilhota era uma possessão inglesa e ... será que era a ilha do John? Na volta iria perguntar a ele.

Quando cheguei onde estava o pescador, ele me viu, levantou-se e ... ficamos ambos mudos. Era o John. Passado o susto, ele, apontando para mim, disse: “Paulo? *What are you doing here?*” Seguiu-se um abraço caloroso e amigável.

Aí ele me explicou que aquela era a ilha do Caribe da qual ele tanto me falava e onde moravam seus parentes aposentados e mais alguns amigos. Foi me puxando para ir à casa dele, garantindo que sua esposa, a Kate, *ia ter um troço* quando me visse. Ele tinha razão. Ao ver-me ela ficou muda e em seguida desandou a chorar.

Falávamos os três ao mesmo tempo e demorou até eu explicar como tinha chegado ali e porque.

Nessa altura, a notícia da chegada de um amigo brasileiro do John já tinha se espalhado e o pessoal da ilha começava a chegar. Como viviam isolados, qualquer novidade era motivo para juntar todos e comemorar. Vendo aquele movimento crescer, aproveitei para avisá-los que eu decolaria ao meio dia e já eram 10 horas. A resposta do John e de sua esposa foi clara e definitiva: “Não vamos deixar você sair daqui hoje, pode desistir. Faremos um almoço e jantar e todos os nossos amigos da ilha virão”. Aleguei que o proprietário da aeronave precisaria ser avisado e na ilha não tinha telefone (nem celular ou e-mail, que naquele tempo não existiam). “Não tem problema, disse o John, temos radio amador e você pode se comunicar com o Brasil já”. Pegou-me pelo braço e me arrastou para a casa de um habitante que era rádio amador. Falei com São Paulo e o jeito foi relaxar e me preparar para a festança.

Começou a chegar gente, trazendo comida e bebida aos montes e ali mesmo, antes do almoço, já estávamos tomando uísque, cerveja, vodka, etc.

O John me explicou que eles ficavam procurando motivo para comemorar seja lá o que fosse: parou de chover, o céu está azul, aniversários, visitas (raríssimas) e se não encontrassem nada, comemoravam também.

Apareceram dois ingleses, habitantes da ilha, que tinham sido pilotos de caça da RAF (Royal Air Force) na Segunda Guerra mundial, mostrando grande interesse pela minha viagem e meu Arrow. Eles diziam que voaram, durante a guerra, em vários aviões de combate (Spitfire, Mustang, Typhoon Hurricane e o fabuloso Tempest), todos conhecidos meus de livros e revistas. Queriam ver a aeronave e voar comigo sobre a ilha, ensinando-me algumas acrobacias que eles faziam durante a guerra. Ficaram no meu pé até que eu lhes disse que tinha um contrato com o proprietário da máquina que impedia passar o comando para quem quer que fosse durante a viagem. Foram pedir ao John para me convencer, mas deixei claro que não faria isto. Além de tudo o Arrow não era acrobático.

E a farra continuava. Voltei ao aeroporto para buscar minha mala com roupas, acompanhado pelos dois pilotos de caça que apenas viram a aeronave.

A festa toda acabou lá pelas duas horas da madrugada, com um *monte* de ingleses *de fogo*. Fiquei pensando como iria voar daí a algumas horas, *muito mais prá lá do que prá cá*.

Acordei lá pelas seis horas e a esposa do John já estava fazendo um café, rodeada por alguns *bebuns* que ainda estavam lá.

Lá pelas 8 horas o John e sua esposa me levaram para o aeroporto, carregado de garrafas de uísque. Tiramos o Arrow do hangar, despedi-me do *afro* e sua família e após um caloroso abraço nos amigos, John e Kate, fui para a cabeceira da pista iniciar a decolagem.

Já rolando para decolagem, tive a maior surpresa e emoção de minha vida: alinhados junto à pista estava um grupo de mais de cinquenta ou mais *amigos ingleses*, todos balançando na mão um pano branco, dando adeus para mim. Não sabia se cuidava da decolagem ou se acenava para eles. Balancei a asa do Arrow, em agradecimento por gesto tão amigo daquele pessoal.

Subi e resolvi voltar e dar um rasante, a toda velocidade, sobre a pista. Eles mereciam. Fiz isto e eles continuavam balançando os panos brancos de adeus. Dei uma *puxada* violenta e segui meu rumo balançando a asa. Levei muitas horas para me refazer de tão fantástica experiência.

Tive contato com o John algumas vezes e depois a amizade silenciosa tomou conta de tudo...